



CASAMENTOS sem paixão, amores impossíveis, intrigas, sonhos... São tragédias ou comédias que, na voz imponente dos tenores e no canto sublime das sopranos, vêm atravessando os séculos, desde o Renascimento até os dias de hoje. E despertando o humor, a tristeza, a alegria, o prazer e o encanto. Considerada uma "obra de arte total" — pois alia teatro, música, poesia — a ópera tem, no mundo inteiro, uma platéia cativa e apaixonada. Em São Luís, há 10 anos, a professora Ceres Murad desenvolve no Colégio Dom Bosco um projeto aplaudido e premiado: a adaptação de óperas famosas para o melhor entendimento das crianças e formação de novas platéias. O resultado vem sendo traduzido em montagens antológicas, sobretudo por sua forma didática, desde o texto, passando pela montagem, cenários, coreografias, figurinos, som e iluminação. É claro que para esse tipo de produção não se pode contar originalmente com a voz dos tenores e o canto das sopranos, mas é encantadora a ingênua desenvoltura das crianças dublando as músicas e interpretando famosos personagens das óperas. Como aconteceu na primeira semana de dezembro, no Teatro Arthur Azevedo, com a montagem de *O Barbeiro de Sevilha*, de Rossini, cuja ação se passa no século XVIII, em Sevilha, e conta a história do romance entre o conde de Almaviva e Rosina que, ajudados pelo espertíssimo barbeiro Fígaro, conseguem enganar o tutor Bartolo e se casar. Mas tudo depois de armar uma enorme e divertida confusão. Espetáculo bonito e emocionante, sem dúvida. Tanto pelo desembaraço das crianças no palco como pela metodologia usada por Ceres Murad, que consegue reunir crianças para ouvir e compreender as árias que, segundo Friedrich Nietzsche, transportam os mortais para a eternidade.



■ **NO ALTO**, momento apoteótico da ópera *O Barbeiro de Sevilha*; no segundo plano, Fígaro (Breno Bezerra Ferreira) ouve as ordens de Rosina (Ana Clara Abreu Pacheco)



■ **DR. BARTOLO** (Luiz Paulo Tadeu Correa Dantas) e Rosina (Ana Clara Abreu Pacheco) na sacada da casa



■ **DOM** Basílio (Auzir de Sousa Carvalho), o Conde Almaviva (Leandro Dantas) e Fígaro (Breno Bezerra Ferreira)



■ **FELIZES** pelo sucesso do espetáculo, Rebeca (veio de São Paulo) e Raissa ao lado dos pais Roosevelt (foi, mais uma vez, o autor do cenário da bela montagem) e Ceres Murad



■ **OS ARTISTAS** mirins reunidos no palco para receber os calorosos e merecidos aplausos da platéia que lotou o Teatro Arthur Azevedo

PERGENTINO HOLANDA

PH REVISTA

E-mail: ph@mirante.com.br ANO XXVII Nº 1.353

Um olhar de menino

Alguém me fala que, depois de longo afastamento, reencontrou-se com uma esquecida fé, e desde então certos tropeços que a vida lhe aprontou foram perdendo a coloração dramática de que pareciam revestir-se.

Não duvido. Estive domingo no Santuário de São José de Ribamar, curiosamente em pagamento de uma promessa alheia, e me comoveu ver tantas pessoas confiando ao Padre Bráulio íntimos requerimentos e esperanças.

Sou um católico relapso. Raramente vou à missa, não confesso nem comungo uma vez por ano, acho que ninguém me tomaria por um modelo de virtudes evangélicas. Mas algumas das horas mais tocantes de minha existência transcorreram no interior de igrejas. As cerimônias da Sexta-Feira da Paixão, em Presidente Dutra, me emocionavam por sua plástica sombria. Aquelas orações em bom e velho latim, aquelas imagens aprisionadas sob mantos violeta, a conrita visita ao Senhor Morto pela delegação dos proscritos — das chamadas mulheres de vida airada às demais ovelhas desgarradas do aprisco — incendiavam e enterneciam minha imaginação.

Num domingo inaugural em Paris, fui a Notre Dame. O canto gregoriano estremecia os vitrais, recriava-se glorioso o ritual do Sacrifício — e se o denomino assim é porque, num fugidio, mágico instante, senti a presença de meu pai, ali tão ternamente próximo, ali tão definitivamente para sempre exilado de mim.

Há perto da Via Appia, em Roma, uma capela humilde. É órfã de majestade e esplendor. Não se deparam ali brilhos nem requintes. Mas tem no chão uma pedra. Nela se acham gravados os passos do Filho de Deus, pobres e descalços, como se mantiveram através da poeira dos milênios, a partir do momento no qual, de acordo com a lenda, surpreendeu Pedro em fuga e lhe perguntou: Quo vadis?

Volta e meia penso que, no Juízo Final, quando pesarem numa balança meus numerosos pecados e meus escassíssimos méritos, Pedro em pessoa será meu advogado.

— Deixem esse aí entrar — dirá. — Ponham ele em algum recanto de sonhadores.

Pois atesto e juro que, numa tarde de dezembro, o vi ante o presépio armado na pequena praça de minha cidade natal, contemplando a cena com um olhar de menino.